

DA MUTABILIDADE DO SIGNO AOS SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS: O INCONSCIENTE E SUAS APROXIMAÇÕES COM A LINGUAGEM

João Mendes de LIMA JÚNIOR¹

RESUMO

Cotidianamente os psicanalistas têm se deparado em seus consultórios com uma gama de indícios de que na atualidade novos quadros clínicos acometem seus pacientes a novas formas de sofrimento. Se na Viena vitoriana da época de Freud o quadro clínico predominante era a neurose histérica, atualmente vários sinais apontam para novas formas de sofrimento diferentes das encontradas pelo psicanalista vienense. É pensamento comum entre os psicanalistas que os elementos constitutivos da cultura contemporânea são fortes fatores propulsores dessa nova ordem de sofrimento. Entretanto, há divergências quanto aos possíveis fatores etiológicos responsáveis por essa mudança nos perfis diagnósticos. Este artigo pretende prestar uma contribuição ao debate baseada na relação lingüística-psicanálise iniciada por Jacques Lacan na qual se busca, a partir do aporte da lingüística saussureana, uma melhor compreensão sobre o funcionamento psíquico uma vez que o modo de funcionamento do inconsciente assemelha-se ao funcionamento da linguagem. Assim, procuraremos elementos na lingüística que possam auxiliar a compreensão do fenômeno dos sintomas contemporâneos. Partimos da hipótese de que os sintomas contemporâneos são resultantes de um processo que pode ser comparado ao movimento de mutabilidade do signo lingüístico, como pensou Saussure.

PALAVRAS-CHAVE: Sintomas contemporâneos. Mutabilidade. Signo. Sistema lingüístico.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos têm crescido os indícios de que o contemporâneo² tem acometido o psiquismo a uma série de significativas mudanças do ponto de vista de suas manifestações. Há um conjunto de novos sintomas os quais se supõe serem resultado do impacto da contemporaneidade³. Há consenso quanto à constatação desse fato, todavia as explicações divergem quanto aos fatores etiológicos dessas alterações. Várias têm sido as tentativas de explicação do fenômeno, boa parte dessas tentativas apresenta uma possível falência da instância da lei paterna como causação dessas novas manifestações psicopatológicas. Neste artigo buscaremos uma explicação que se propõe a fazer um retorno ao texto lacaniano buscando as aproximações com o pensamento saussureano a fim de que algumas questões possam ser elucidadas uma vez que o próprio Lacan busca na Lingüística elementos que possam melhor explicar, por analogia, certos movimentos do aparelho psíquico. Assim, buscaremos expor o que Saussure trabalhou como sendo a mutabilidade do signo lingüístico para que possamos, seguindo sempre uma explicação baseada na analogia entre inconsciente e linguagem, apresentar a estreita relação entre esse fenômeno lingüístico e os sintomas que se contemporaneizam. Embora a relação entre lingüistas e psicanalistas seja por vezes marcada por uma certa tensão, partimos do pressuposto de que essa tensão não atinge a importância da Lingüística para a Psicanálise de orientação lacaniana e, mais uma vez, partiremos dos postulados lingüísticos saussurianos a fim de melhor entender o funcionamento do aparelho psíquico, como o fez Lacan.

LINGÜÍSTICA E PSICANÁLISE

Atualmente soa um tanto quanto estranho negar a relação entre Psicanálise e Lingüística, embora haja controvérsias. Porém não se pode desconsiderar que uma das experiências fundantes da

¹ Aluno do PPGL / Universidade Federal da Paraíba.

² Aqui o termo deve ser entendido como sendo sinônimo de atualidade, de momento presente e não como um ciclo histórico.

³ Aqui, sim, por contemporaneidade deve-se entender o período histórico subsequente a era Moderna.

Psicanálise se dá exatamente no momento em que a fala passa a ser usada como ferramenta clínica no curso do tratamento. Isso aconteceu quando, apesar de ter lhe ocorrido quase como um acaso, Freud passou a apostar na cura pela fala. A partir disso ocorre uma subversão quanto aos paradigmas até então existentes. A Medicina tradicional insistia na hipótese da causação bio-física das psicopatologias para as quais o método de investigação era eminentemente baseado no soma, no corpo. Freud aposta toda sua pesquisa na hipótese de que a causa das psicopatologias não estava no corpo físico e, em sendo assim, os métodos de investigação da época não poderiam obter sucesso. A descoberta do inconsciente funda uma nova maneira de ver o ser humano. O amadurecimento desse período especular da Psicanálise culmina quando as pesquisas psicanalíticas levam à conclusão de que a cura pelo método psicanalítico só pode ocorrer através da fala, inexistindo qualquer outra possibilidade de tratamento clínico. Subseqüentemente, toda ação analítica põe a fala num lugar de destaque; todavia, o interesse da cura analítica pela fala não é deter-se nela e, sim, ter aí uma porta de acesso ao que para a Psicanálise funda o humano, em outras palavras: o inconsciente, ao qual é possível se ter acesso pelo discurso do falante.

É evidente que uma descoberta como essa é resultado de um longo processo de exploração teórica. Na segunda metade do século XIX o método clínico mais utilizado para a cura das psicopatologias era a hipnose onde a técnica consistia em sugestionar o enfermo, em função de um estado alterado de consciência, uma regressão, até a cena a qual se supunha ser o núcleo da experiência traumática. Posteriormente, ainda no século XIX, estudos sucessivos apontaram para a ineficácia de tais procedimentos. Deixa-se de lado a hipnose e difunde-se a catarse como método de cura. Este novo procedimento era fundamentado na hipótese de que a cura só seria possível mediante a ‘descarga’ do afeto retido no trauma; a guinada foi passar do método da regressão –no primeiro momento- para a descarga – no segundo tempo – que era provocada não necessariamente por um estado alterado de consciência, mas por um movimento de deslocamento do núcleo da consciência onde era priorizada a lembrança, a memória do afeto sentido no trauma. É evidente que em ambos os métodos fazia-se uso da palavra, da fala; entretanto esta era apenas um recurso a ser utilizado. A descoberta freudiana funda uma nova lógica nas ciências do campo da psicologia e da psiquiatria: a fala não é mais um recurso a ser utilizado conforme a arbitrariedade do terapeuta, esta passa a ser a condição possível para efeitos de cura. O desenvolvimento do método das associações livres (posteriormente renomeado por Lacan como cadeias de significantes) passa a ser considerado como o mais eficiente na cura do sofrimento mental, em função do qual Freud fez ‘falar o sintoma’. Como afirma Nunes (2001) “assim, a fala em suas possibilidades de contar, rememorar e enunciar, produzindo efeitos de sentido, marca para Freud a própria descoberta da psicanálise, na medida em que a posição do analista possibilita advir do sujeito um saber não-sabido”.

O que se vê no decorrer dos escritos psicanalíticos é a formulação de uma teoria sobre o funcionamento psíquico que está definitivamente articulada às questões da linguagem. Na carta de número 52 de Freud a Fliss (1996), observa-se sua crença em que o aparelho psíquico é eminentemente um aparelho tradutor, chegando a dizer que os sintomas psíquicos são a conseqüência de uma falha na tradução, ou seja, em não acontecendo a atualização ou contextualização da linguagem no interior do aparelho (em função das sucessivas etapas de desenvolvimento), os elementos não traduzidos implicarão em sintomas. Posteriormente defende ele que o processo de formação dos sonhos acontece por condensação e deslocamento.

Aproximadamente meio século depois do lançamento da obra que é considerada verdadeiramente o início da Psicanálise (A Interpretação dos Sonhos, 1900), o psicanalista francês Jacques Lacan relacionou categoricamente a Psicanálise e a Lingüística ao afirmar que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, de modo que já não são possíveis determinadas formulações psicanalíticas sem o aporte da Lingüística.

O INCONSCIENTE E A LINGUAGEM

Em 1964 em seu Seminário sobre os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, Lacan diz que há algo que situará de forma a estabelecer uma função mais geral a estes conceitos, a saber, o inconsciente, a repetição, a transferência e a pulsão, algo que os engloba e que demonstra seu

valor operatório. A isto ele chamará a função do significante (MAFRA, 2003⁴).

Numa análise da história do movimento psicanalítico pode-se observar saltos e sobressaltos, avanços e retrocessos quanto à questão da construção de uma teoria para o entendimento do sofrimento psíquico. Porém desde os primórdios, a partir de alguns pequenos e sucessivos avanços, passa a ficar muito claro o fato de que não se tratava de apenas construir uma etiologia da dor e da angústia; na mesma proporção em que Freud teorizava sobre o sofrimento, indo além disso, ele acabou por formular também uma teoria sobre o Ser Humano como um todo e não somente sobre o ser que sofre. Não restam dúvidas de que a descoberta da cura pela fala ofereceu-lhe a oportunidade de sobressaltar a propedêutica da doença e construir um legado sobre o Humano, pois isso só foi possível com o abandono dos métodos de investigação e cura que o precederam. Mesmo antes dos postulados de Saussure, Freud acreditava que o homem se constrói e reconstrói pela fala, dito de outra forma, “o psíquico constitui para a psicanálise um novo nível de objetividade que tem lugar em/e através da linguagem” (HENRÍQUEZ, 2002). Disso resulta a idéia de que a linguagem para a Psicanálise não é tida como uma circunstância ou fenômeno que advém ao homem, muito menos se trata de uma aquisição – em termos lamarckianos- da espécie; a Psicanálise só concebe o Humano a partir da linguagem.

No que diz respeito ao funcionamento do aparelho psíquico há duas maneiras de funcionamento: os processos primários e os processos secundários. Os processos primários são a base de funcionamento do inconsciente uma vez que seus dois mecanismos são especificamente o deslocamento e a condensação (a metáfora e a metonímia). Estes dois mecanismos são o alicerce tanto da formação dos sonhos como da estruturação dos sintomas.

Em *A interpretação dos sonhos* texto de 1900, Freud (1996⁵) assinala:

Ocorrem uma transferência e deslocamento de intensidade psíquica no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sonho e o dos pensamentos do sonho... E daqui por diante, ao interpretarmos os sonhos, levaremos em conta o deslocamento do sonho como um fato inegável.

Vê-se aqui a evidência e a magnitude desse movimento na teoria freudiana. Não por menos se diz que esse livro marca a origem da Psicanálise. Nesse sentido, o trabalho de condensação consiste no fato de que diversos elementos podem ser fundidos, reunidos. Através disso, diversas cadeias associativas podem estar concentradas numa única representação ou num único significante. Freud (1996) segue afirmando que “poderíamos concluir que a condensação se apresenta por omissão: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles”. Assim, “o deslocamento do sonho e a condensação do sonho são os dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos” (FREUD, *idem*). Enfim, a noção de condensação e deslocamento permanecerão irredutíveis na obra freudiana adquirindo, portanto, um caráter central no esboço sobre o inconsciente. Estes processos serão retomados por Lacan que, baseado em Jakobson, irá associa-los aos processos de metáfora e metonímia.

O sintoma

El término síntoma proviene del discurso de la medicina, y el psicoanálisis se ha apropiado de él para referirse a los trastornos que no poseen una causa orgánica, y que caracterizan a las diferentes enfermedades mentales. Pero la distinción entre el síntoma médico y el síntoma en psicoanálisis no se reduce al modo en que cada disciplina

⁴ Esta referência foi capturada via meio eletrônico (internet). A data aí é relativa ao ano de acesso.

⁵ Esta citação foi feita a partir de meio eletrônico (CD-ROM). A data aí colocada refere-se ao ano de publicação do CD. Por isso não consta número de página.

establece y localiza la función de la causa. Para la medicina, el síntoma es un signo visible que conduce a una causa. La eliminación de esta última, cuando ello es posible, hará desaparecer el síntoma, cuya exclusiva finalidad es la de informar sobre la causa, por lo general más invisible. Para el psicoanálisis, el síntoma tiene un valor en sí mismo, un valor de verdad. Algo desconocido para el sujeto, algo que le concierne en lo más íntimo, pero a lo que no puede tener acceso debido a la represión, se halla cautivo en el síntoma, bajo la forma de una verdad, de un mensaje cifrado que el sujeto deberá descifrar por sí solo, guiado por la escucha de un analista, quien lo auxiliará en la labor de saber sobre la verdad de la que se encuentra separado (DESSALS, 2002).

Da citação acima dois elementos devem ser apurados: a questão do sintoma como algo que contém, em si, a verdade sobre o sofrimento bem como o fato de ser o sintoma exatamente o resultado da separação entre o sujeito e suas verdades, onde essa verdade pode ser melhor entendida como sendo a significação ou o sentido. Cabas (1982) defende que, para Lacan, o recurso da lingüística não se esgota no exercício e uso da palavra ou no fenômeno da fala, trata-se do dilema do sentido. Ora, mas parece ser isso o que fica nas entrelinhas do CLG (SAUSSURE, 1996), mais precisamente no capítulo IV da segunda parte, uma vez que, ao passo que se busca o valor do signo, o que se pretende com isso é a elucidação do sentido do signo.

Tal qual para Saussure, para a Psicanálise a busca do sentido é o que norteia a prática analítica; em termos clínicos, trata-se de um movimento que caminha na contramão da construção do sintoma.

Na perspectiva da busca de sentido todo o trabalho versará em averiguar as leis que articulam o significante/significado ou, em termos psicanalíticos, significante/significantes. O significante, por ter uma relação com o significado calcada na arbitrariedade, define um lugar donde, mediante a confrontação com outros significantes, emerge o sentido, “última fonte de toda materialidade no inconsciente” (CABAS, idem, p.81). Os significantes, ao articularem-se em cadeias, num eixo de qualquer sintagma, permitem a emergência do sentido. A verdade do sintoma para a Psicanálise equivale ao sentido ou valor do signo para Saussure.

Como é do conhecimento geral em Lingüística, Saussure esboça um gráfico em que há um traço que separa o significado do significante, traço este que marca a diferença mas também aponta para a fronteira da articulação. Paradoxalmente é nesse lugar onde há a disjunção, mas é também esse mesmo lugar que acentua a correlação entre os elementos do signo. Lacan retoma esse traço, dando-lhe o nome de barra (convém lembrar que no sentido simbólico, esta tem relação com a barra provocada pela castração simbólica), indicando que nesse lugar se dá um efeito de resistência a significação, o que recai outra vez na questão do sujeito separado da verdade ou do sentido do seu sintoma.

Outro elemento há de ser evidenciado na relação entre Lingüística e Psicanálise, quando se trata do sintoma: a metáfora. Diferentemente do sintoma para a Medicina, para a Psicanálise o sintoma -assim como o delírio- já é em si uma tentativa de cura, uma tentativa de obturar uma fenda provocada pela incompatibilidade entre as forças opostas (id/ego, id/realidade material, princípio de prazer/ princípio de realidade). O sintoma é o resultado de um trâmite possível do afeto ou da pulsão retida que, via metáfora, torna menos drástica o choque entre as partes envolvidas no conflito. Todavia, mesmo que isso possa parecer um alívio, o sintoma, apesar de acarretar prazer para uma instância, proporciona, para outra, desprazer e, portanto, sofrimento. Assim tem-se que, “el síntoma es la manifestación de algo que no funciona, y que esa disfunción posee un sentido, y expresa una verdad desconocida, ignorada o negada” (DESSALS, 2002), onde tal manifestação aparece escamoteada em virtude de um processo metafórico. O sintoma é o representante do trauma e/ou da fantasia equivalente. É uma espécie de sofrimento dito de outra forma, metaforizado pela linguagem.

Para Jakobson (1975), a metáfora diz respeito à combinação ou à similaridade. A metáfora designa um objeto ou características dele mediante uma palavra que indica outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança, afinidade, analogia, parentesco. Na medida em que um significante de característica sexual é substituído por outro significante similar,

porém dessexualizado, ocorre aí uma metáfora. Dessa forma, o sintoma ou a metáfora corresponde a um processo de produção de sentido mesmo que não se considere, a priori, o aspecto qualitativo dessa produção (tendo em vista que, na correlação entre *id* e *ego*, no caminho que leva à formação do sintoma, a produção de prazer para uma instância acarreta desprazer para outra).

Embora a metáfora ocorra no eixo paradigmático, a solução de compromisso (o esquema como Freud figurava o sintoma reportando-se ao antagonismo entre o *id* e o *ego*) é efetivada na linearidade do sintagma sendo, portanto, inconcebível um movimento sem o outro; tratam-se de sucessivas substituições entre termos similares. A metáfora é conceituada por Lacan como sendo uma relação “entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão com o resto da cadeia”.(LACAN, 1998, p.51) Acentua-se, pois, a relação de troca ou substituição de um significante por outro sendo que o significante permutado não deixa de fazer-se presente, ou seja, mesmo mediante a substituição amenizante, o significante plenamente sexual não cessa de tentar inscrever-se. Ocorre que a permuta entre os significantes no eixo paradigmático implica em desdobramentos diferentes no eixo sintagmático, portanto num novo sentido para o texto inscrito. É dessa forma que o desejo sexual dribla a repressão e consegue satisfazer-se seja num sonho, seja num sintoma. É na linguagem que o processo ocorre.

OS SINTOMAS CONTEMPORÂNEOS

Se a Viena de Freud teve como subproduto clínico a histeria, quais as implicações entre a cultura contemporânea e as manifestações psicopatológicas que inquietam a todos, e sobretudo aos analistas em seus consultórios? (MAIA, 2001, p. 67).

O que há de novo num sintoma? Existem sintomas contemporâneos? A contemporaneidade efetivamente tem provocado novas configurações subjetivas tal qual aconteceu em outros ciclos históricos?

De fato, muitas são as questões que têm inquietado a todos os analistas. Uma parcela significativa dos debates atuais nos circuitos psicanalíticos tem tentado encontrar uma possível resposta a tais questionamentos. Todavia, ninguém mais duvida de que a contemporaneidade tem provocado mudanças expressivas quanto à subjetivação do homem contemporâneo. Não se sabe ainda a origem, muito menos se cogita o limite de tais mudanças; elas apenas são visíveis, embora se apresentem como enigmas.

As verdades e os ideais arduamente construídos pela modernidade têm sido gradativamente desintegrados, passando a compor uma nova ordem ou novas modalidades de organização subjetiva. “A partir da máxima cartesiana ‘penso, logo existo’, assim como pela influência do pensamento de Hegel, a História da Filosofia passa a possuir um eixo sistemático que lhe norteia” (LIMA JÚNIOR, 2003, p.42). Esse eixo é a base da modernidade. O modo de subjetivar o real, resultante do pensamento moderno, impôs ao homem daquela época uma busca pela precisão, pela mensurabilidade, pela certeza concreta onde se tinha a razão como espírito absoluto e soberano. O ideário da modernidade pressupunha a ordem, a ordenação positiva de tudo quanto fosse possível. A incerteza e a dúvida foram consideradas horríveis. Traziam ao sujeito uma intensa sensação de desamparo diante da desordem. O pensamento moderno se legitimou e se efetivou diante da positividade do caos, visto como insuportável. Assim sendo, coube ao sujeito daquela época construir-se na plataforma da racionalidade pragmática.

Se, por um lado, a desordem era fonte causadora de mal-estar, por outro lado o excesso de ordem condicionou o homem também a um outro tipo de mal-estar dessa feita em função do rigor com o qual se busca a exatidão, a precisão, situação esta que, levada ao extremo, torna-se insuportável.

A derrocada do pensamento moderno começa a acontecer a partir de uma explosão de críticas contrárias a tal sistema filosófico, todas apontando que as promessas e premissas (tais como a razão, ordem, progresso, etc.) não respondiam às reais demandas da humanidade. O declínio do pensamento moderno pode ser atribuído ao fato de que a ‘razão’ progressivamente passa a perder sua soberania. Surge então o contemporâneo com outras verdades e outros ideais.

O modo de pensar Contemporâneo exige que o homem redimensione a sua existência na medida em que o compele a uma reavaliação da sua condição humana, da sua relação com o social bem como sua interação com a natureza; há ainda uma releitura das leis físicas e metafísicas. A identidade do homem Contemporâneo é constituída por uma grande capacidade de adaptar-se aos acontecimentos paradoxalmente instantâneos e constantes; a velocidade com que as coisas acontecem exige que o homem seja errático e flexível para que possa lidar com o ritmo dos acontecimentos (LIMA JÚNIOR, *idem*, p. 45).

Seguramente, cada período histórico proporciona seus respectivos modos de sofrimento. Se a modernidade causava mal-estar por conta do excesso de harmonia e disciplina, o contemporâneo tem acarretado uma cota de sofrimento exatamente em função do inverso do que aconteceu na modernidade, ou seja, a flexibilidade em demasia. Cabe ao homem contemporâneo constituir-se subjetivamente de modo a acompanhar o ritmo das mudanças; cabe-lhe constituir-se numa plasticidade tal que lhe permita suportar a volatilidade dos acontecimentos.

É em função dessas mudanças que se supõe a ocorrência de **sintomas contemporâneos**. São resultados das novas formas de subjetivar o real da existência. Evidenciam-se como uma forma de expressar o sofrimento psíquico que tem como característica mutabilidade volante, por mais que pareça redundante. É somente dessa forma que o sujeito do contemporâneo pode inserir-se na cultura.

Em se tratando do sintoma é fato que, independentemente do período histórico no qual ocorra, sua disposição organizacional compele-o sempre a uma plasticidade, a uma capacidade de dar respostas condizentes com a demanda sócio-histórica. Um sintoma é sempre moldável a cada caso e a cada pessoa. Entretanto essa plasticidade própria de um sintoma psíquico é essencialmente diferente da mutabilidade característica da forma de subjetivação presente no contemporâneo. De modo efetivo observa-se que os sintomas encontrados na Viena freudiana são significativamente diferentes dos sintomas encontrados na atualidade.

Qual a relação disso com a lingüística? Ora, se o sintoma é uma linguagem metafórica pela qual fala o desejo, e se tal desejo tem em sua base um jogo de relação entre significantes, é possível que os **sintomas contemporâneos** tenham uma explicação a partir do sistema lingüístico tendo por base o pressuposto saussuriano da mutabilidade do signo.

Pode-se observar, de uma forma geral, que os debates atuais sobre sintomas apontam para as novas formas de gozo decorrentes da contemporaneidade. Nesse sentido, há um certo consenso na idéia de que têm havido mudanças no que se refere às possibilidades de gozo na atualidade. Todavia, uma vez que o gozo é regido pelo discurso, na proporção exata em que há mudança no discurso, haverá necessariamente mudanças no gozo. Assim sendo, os sintomas contemporâneos são resultantes de um processo semelhante às mudanças ocorridas no sistema lingüístico.

É plenamente possível que o sintoma, como metáfora, tenha impacto em decorrência das mudanças de um significante. Essa mudança no interior do signo já era prevista por Saussure no CLG (*idem*) quando, em um capítulo inteiro (Imutabilidade e mutabilidade do signo lingüístico), ele aponta tal possibilidade. Dessa forma, há duas forças agindo no signo lingüístico: uma que assegura a imutabilidade e outra que indica o oposto, ou seja, a mutabilidade do signo. Assim, afirma Saussure (*idem*, p. 89), “em última análise, os dois fatos são solidários: o signo está em condições de alterar-se porque continua. O que domina, em toda alteração, é a persistência da matéria velha...”. No decorrer do texto, o autor faz uma apurada apresentação do jogo dialético em que algo no signo insiste em repetir-se bem como há aí algo que reclama por mudança. Um jogo onde, no mesmo ponto, aquilo que apela para a manutenção apela também para o novo. Há, assim, uma *lingüística evolutiva e uma lingüística estática*.

Os fatores históricos da língua asseguram uma resistência às mudanças e a todas as forças inovadoras; isso garante uma proteção contra toda e qualquer mudança repentina no signo. Por outro lado, tendo em vista que a relação significante/significado é arbitrária, nada há que impeça a mudança. “Uma língua é radicalmente incapaz de se defender dos fatores que deslocam, de minuto em minuto, a relação entre o significado e o significante. É uma das características da arbitrariedade do signo” (SAUSSURE, *idem*, p. 90). Na essência, o fator tempo é o responsável pela continuidade

ou descontinuidade do signo. O tempo que garante a manutenção do signo age também como uma força que o impele a uma mudança. A premissa da continuidade cessa a liberdade do signo, porém, essa mesma premissa garante o deslocamento ou até a sua alteração.

Há de se supor uma semelhança entre essa noção de tempo⁶ exposta por Saussure com a lógica dos sintomas contemporâneos. Exatamente em decorrência do tempo (numa perspectiva histórica), têm sido observadas mudanças nas metáforas que regulam os sintomas.

Ocorre um efeito em cascata: os sintomas, que são maneiras particulares de gozo, orientam-se pelas metáforas que, por sua vez, são regidas pelo discurso. O discurso, que regula o gozo, é o modo de organização de uma cadeia de signos. Quando há uma mudança no interior do signo (que nesse caso é o elemento mínimo e primário dessa cadeia de relações), é possível que haja mudança igualmente no restante da cadeia de signos. Um processo semelhante a esse ocorre no inconsciente. Quando há mudanças num determinado significante o efeito dessa mutabilidade pode ser visto no restante do circuito, ou seja, ocorrem mudanças no sistema de significantes que implicam mudanças no discurso, que acarretam mudanças para o gozo, para as metáforas e para os sintomas.

Dessa maneira esboça-se uma hipótese sobre os sintomas contemporâneos. Isso exige que, antes de se considerar as mudanças ocorridas no campo do gozo, é preciso inicialmente uma investigação no tocante às mudanças no elemento mínimo dessa cadeia, ou seja, o significante tendo em vista que a investigação dos sintomas a partir das modalidades de gozo implica seguir um caminho secundário. Há de ser averiguado, em primeiro lugar, o que provoca as mudanças no gozo para que os resultados desse exame apontem os efeitos dessas mudanças nas etapas subsequentes, quais sejam: as metáforas e os sintomas. Assim, não há dúvidas de que o caminho mais apropriado para o estudo dos sintomas contemporâneos deve partir do estudo sobre as mudanças ocorridas no sistema lingüístico para que os achados desse processo possam servir de analogia para a investigação a respeito dos sintomas contemporâneos.

SOBRE O TEMPO, O CONTEMPORÂNEO E A MUTABILIDADE

A averiguação desses dois termos requer uma precisão quase cirúrgica. Quase sempre quando se fala em ‘contemporâneo’ uma das idéias que advêm instantaneamente é a de período histórico no sentido de que o contemporâneo diz respeito a uma etapa da história da humanidade assim como o foi a idade média, a idade moderna, etc.. Por outro lado, a palavra ‘contemporâneo’ também remete a idéia de atualidade na medida em que contemporâneo é sinônimo de presente, atual, atualizado, agora não mais remetendo à noção de período histórico. Além disso, falar do tempo numa perspectiva história não é somente adotar uma perspectiva longitudinal para análise das mudanças ocorridas no sistema lingüístico tomando por base o comparativismo. É mister considerar essas mudanças ocorridas ao longo de um determinado intervalo de tempo mas, para além disso, considerar que a história também acontece no presente, o que permite afirmar que há necessidade de se considerar quais elementos hodiernos sofrem impacto ou são passíveis de mudança em função de pressão de forças atuais.

Quando se fala que a lógica de tempo trabalhada por Saussure tem relação com a lógica dos sintomas contemporâneos implica dizer que o ‘tempo’ atual, o presente, a contemporaneidade possui um conjunto de forças que exercem poder capaz de compelir um determinado elemento a uma mudança significativa, mesmo que haja, também em função do tempo⁷, fatores que, num movimento contrário ao da mudança, façam força em favor da homeostase, do equilíbrio do sistema. No plano do aparelho psíquico a dinâmica se dá semelhante a isso, ou seja, há determinados elementos que se repetem por conta da busca de equilíbrio do aparelho, todavia há elementos que precisam ser atualizados a fim de que ocorra o acompanhamento das mudanças ocorridas na esfera do real, da cultura. Dá-se aí uma tensão entre estas forças que atuam em sentidos contrários. O

⁶ Vale ressaltar que especificamente essa noção de tempo aqui não é a mesma noção de tempo subentendida na dicotomia Diacronia/Sincronia. O tempo trabalhado no capítulo II da primeira parte (princípios gerais) do CLG é a lógica do tempo histórico, o que se supõe um intervalo entre o passado, o presente e o futuro.

⁷ Há de se pontuar que este tempo aqui corresponde a lógica de história, ou seja, fatores históricos que dão uma certa estabilidade ao signo e ao sistema lingüístico.

quadro que se pode ter desse panorama é um colorido mesclado pelas tintas de tons quentes que apontam para a mudança com as tintas em tom pastel que apontam para a manutenção, para a repetição.

As mudanças ocorridas nos signos e, conseqüentemente, no sistema são o resultado de uma equação desse tipo em que o fator tempo é o que garante ao mesmo tempo a manutenção e a mudança. Segundo Saussure (idem, p. 89) “o tempo, que assegura a continuidade da língua, tem um outro efeito, em aparência contraditório com o primeiro: o de alterar mais ou menos rapidamente os signos lingüísticos e, em certo sentido, pode – se falar, ao mesmo tempo, da imutabilidade e mutabilidade do signo”. Dessa mesma forma acontece com os sintomas. Há algo que se repete, se conserva, se mantém independentemente das pressões da contemporaneidade. Porém há também algo que muda em função de tais forças. O sintoma contemporâneo é exatamente o resultado desse jogo de forças opostas. A singularidade, no caso do psiquismo é que a repetição não deve ser vista com a reedição do mesmo, retorno absoluto, uma presentificação radical de algo do passado (leia-se história progressa). Isso implica dizer que toda repetição já traz em si o ‘signo’ da mudança, por mais paradoxal que possa parecer. No caso do psiquismo a atualização, a contemporaneização é condição *sine qua nom* de existência; isto não permite se fazer uma avaliação que objetive qualificar como sendo uma coisa boa ou uma coisa ruim a mutabilidade; ela existe e é necessária para o funcionamento do aparelho e isso não significa admitir qualificação ou desqualificação de tal fenômeno. Há de se supor que o tempo que garante a repetição de certos elementos é também o co-responsável pelas mudanças ocorridas no quadro dos sintomas, ou seja, a contemporaneização deles.

A relação de sentido entre o significante ‘tempo’ e o significante ‘contemporâneo’ possibilita também outras digressões. O contemporâneo – entendido como o momento atual da vida, o momento presente, aquilo que diz respeito a mesma época na qual se vive - exige do psiquismo um contínuo e constante processo de contextualização. Cada nova etapa da vida de um sujeito exige-lhe um incessante esforço por traduzir para uma linguagem atual tudo aquilo que fora inscrito em linguagem ‘primitiva’. Na carta 52 à Fliss ou nos gráficos usados em ‘A Interpretação dos Sonhos’ vê-se que Freud já esboça um conjunto de evidências em que cada nova etapa da vida do sujeito exige dele uma atualização, uma contemporaneização das experiências progressas. Assim sendo, o tempo age no sentido de permitir ao sujeito o acompanhamento dos acontecimentos, as mudanças em curso. No campo lingüístico é também essa possibilidade de mutabilidade que permite a atualização de um determinado sistema lingüístico. É em função dessas contínuas atualizações que o sujeito pode se inserir na cultura sem maiores inadequações. Desse mesmo modo, um determinado signo pode ser tido como ultrapassado – e, portanto, inadequado – quando não corresponde às possíveis mudanças observadas no plano cultural⁸.

Tendo como parâmetro o gráfico da carta 52, podemos pensar que quando um elemento é transposto de um lugar para outro, de uma época para outra, de uma cena para outra, há aí um processo de repetição. A singularidade do psiquismo é que esse elemento transposto terá de ser necessariamente contemporaneizado com o risco de se tornar algo estranho, caso a tradução não aconteça. Assim sendo, a repetição não pode ser confundida com um mero processo de reprodução.

Lacan (1998, p. 52) defende que “...nos textos de Freud, repetição não é reprodução... reproduzir, é o que se acreditava poder fazer no tempo das grandes esperanças de catarse...”. Embora a repetição pareça, num primeiro momento, como algo da ordem de uma reprodução, uma presentificação, há nesse movimento algo que vai muito além de uma reapresentação, ou seja, cada nova etapa exige sempre que haja além da reprodução, uma nova versão sobre o texto inscrito, um texto que possa estar conectado aos acontecimentos atuais. Ora, é interessante observar essa elaboração lacaniana pois, mesmo sem que se tenha indícios de que ele estava se remetendo também ao texto saussuriano, pode-se verificar

⁸ Não cabe aqui buscar as origens dessas mudanças, ou seja, saber quem muda primeiro, se os signos ou se a cultura.

uma estrita relação entre esta construção lacaniana e o pensamento saussuriano uma vez que o próprio Saussure (idem, p. 89) não via esse jogo entre a mutabilidade e a imutabilidade como algo estanque ao afirmar que “em última análise, os dois fatos são solidários...”, ou seja, há uma mutualidade entre a mutabilidade e imutabilidade. Numa linha de raciocínio idêntico, para Lacan, a repetição (o que mais se aproxima da questão da imutabilidade) bem como o ‘novo’ (o que se aproxima da idéia de mutabilidade) possuem uma estreita relação e não se anulam entre si.

Cabe aqui uma questão: no sintoma, o que é reproduzido (originado do passado) e o que há de atual? Pensando a forma do sintoma como literalmente metafórico, uma metáfora é sempre influenciada pelas resignificações às quais a estrutura lingüística está submetida. Os significantes permanecem os mesmo embora o significado seja variante em função do contexto sócio-histórico. Assim sendo, se o significado muda, a colocação de um significante num discurso terá diferentes conotações em função do significado que prevalecer no contexto. Em outras palavras, a variação do significado implica também na mudança da metáfora. Nesse sentido, o sintoma – que é regulado pelo discurso que, por sua vez, rege a metáfora –, na proporção em que ocorre uma mudança no discurso, também será alvo de mudança. Alguns significantes são repetidos, porém os significados são contemporaneizados.

O sintoma é ‘um modo de dizer’ sobre o sofrimento que tem uma profunda articulação com o contexto sociocultural. Não é por menos que a sua forma de apresentação muda em decorrência de mudanças no plano cultural. Na condição de metáfora, alegoria, o sintoma possui uma espécie de plástica passível de ser moldada e regulada em função de mudanças ocorridas na esfera do discurso.

Além de não concordar que a repetição corresponda a uma reprodução, Lacan (1988, p.53) afirma que “...não se trata em Freud de nenhuma repetição que se assente no natural, de retorno da necessidade... a repetição demanda o novo. Ela se volta para o lúdico que faz, desse novo, sua dimensão...”. Aquilo que na repetição aponta para o novo faz exigência de que haja um rearranjo, um redimensionamento naquilo que fora inscrito. É isso que permite ao contemporâneo, na condição de novo, exercer influência sobre o sintoma, isto é, o fato do vetor da repetição apontar para o novo dá ao contemporâneo a possibilidade de inscrever-se e provocar mudanças na caracterização do sintoma. Mas essa repetição que demanda o novo pode ser observada também na lingüística. A repetição de um determinado signo sempre é algo inovador seja no aspecto fônico ou no aspecto semântico. Um som nunca é reproduzido exatamente como o foi em outro momento; do ponto vista semântico, o significado pode perfeitamente ser moldado a fatores conjunturais de uma determinada circunscrição de tempo uma vez que sua relação com o significante correspondente é arbitrária.

ÚLTIMAS PALAVRAS (acabou o tempo)...

Sem dúvida, os laços que ligam a Psicanálise e a Lingüística são bastante consistentes mesmo com um certo desgaste natural que ocorre em função do passar do tempo – fenômeno esse que conduz algumas teorias ao desuso – e, para além de alguns desencontros e desavenças pontuais entre lingüistas e psicanalistas, crescem as evidências da importância de uma para a outra. Quanto mais passam os dias mais a relação entre a Lingüística e a Psicanálise decanta. Ambos os construtos teóricos ainda têm muito a partilhar.

No presente artigo, insistimos na idéia de que os sintomas contemporâneos acontecem por um processo que se assemelha em muito à mutabilidade do signo lingüístico. Isso não nos permite afirmar que esta seria a única hipótese sobre o tema. Todavia, ao se buscar os fatores etiológicos responsáveis pela causação dos sintomas contemporâneos, é plausível buscar entende-los a partir das matrizes elementares do funcionamento psíquico que são, em último caso, os significantes. Daí nossa insistência no retorno a Saussure para que dele possamos, a partir dos apontamentos do modo de funcionamento da linguagem, por similaridade, ter indícios de certas operações psíquicas. Se de fato acreditamos ter sentido a máxima lacaniana de que o inconsciente é estruturado como linguagem, então temos de fazer um retorno aos ensinamentos da lingüística para que neles possamos ter elementos que nos auxiliem na compreensão do psiquismo. Depois de Lacan já não se concebe mais tentar conhecer o inconsciente por ele mesmo, é imprescindível caminhar paralelamente com outros saberes como é o caso do aporte da lingüística.

É evidente que a questão dos sintomas contemporâneos não se esgota em buscar suas aproximações com os muitos movimentos próprios do campo da linguagem, porém não há dúvidas de que conhecer tais movimentos é de fundamental importância para o estudo de qualquer que seja o sintoma e mesmo dos sintomas ditos contemporâneos.

REFERÊNCIAS

- DESSALS, G. *El Síntoma de Nuestro Tiempo*. Primer Coloquio de Psicoanálisis efectos de la enseñanza de Jacques Lacan. Mayo de 2002 - Granada. <http://www.andalucialacanianana.com/textos/1cpgd.htm>. Acesso em 09/05/2003.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (Primeira parte) Capítulo IV, A (o trabalho de condensação). IMAGO Editora. Obras Completas de Sigmund Freud. IMAGO Editora. Ed. eletrônica. Volume IV. (1900). Rio de Janeiro. 1996.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos* (Primeira parte) Capítulo IV, B (o trabalho de deslocamento). IMAGO Editora. Obras Completas de Sigmund Freud. IMAGO Editora. Ed. eletrônica. Volume IV. (1900). Rio de Janeiro. 1996.
- FREUD, S. *Carta 52 a Fliss*. IMAGO Editora. Obras Completas de Sigmund Freud. IMAGO Editora. Ed. eletrônica. Volume I. 1886-99. Rio de Janeiro. 1996.
- GOLDINO CABAS, A. *Curso e discurso da obra de Jacques Lacan*. (Biblioteca freudiana brasileira: 1). São Paulo: Moraes, 1982.
- HENRÍQUEZ, RUY. *La subversión del sujeto cartesiano: sobre el lugar del lenguaje en el psicoanálisis*. Filosofía del lenguaje. El portal de la filosofía en internet. Caderno de materiales. nº 12. Abril de 2002. <http://www.filosofia.net/materiales/num/num12/num12c.htm#ini>. Acesso em 09/05/2003.
- JAKOBSON, R. *Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia*. In: *Lingüística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- LACAN, J. *A instância da letra no inconsciente*. In: *Escritos*. Trad. bras. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. *O Seminário. Livro 11: Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*. (1964). Jorge Zahar Editor Ltda. Rio de Janeiro. 1988.
- LIMA JÚNIOR, J. M. *A repetição e o novo nos sintomas contemporâneos*. 65 fl. Monografia (conclusão do curso de especialização em psicopatologia psicanalítica contemporânea). Departamento de Psicologia: UFPB. 2003.
- MAFRA, T. M. *De Freud a Lacan a Articulação do Inconsciente como Linguagem*. <http://www.torodepsicanalise.hpg.ig.com.br/TacianaDeFreudaLacan.htm>. Acesso em 01/06/2003.
- MAIA, M. S. Um Tapete Vermelho Para a Angústia: Clínica Psicanalítica e Contemporaneidade. p. 67 *Percurso: Revista de Psicanálise*. Ano XIV. n. 27. Instituto Sedes Sapiência. São Paulo. Segundo semestre de 2001.
- NUNES, Sara Guimarães. Nas malhas do discurso, os laços de linguagem. *Revista Antígona*. Nº 3. <http://www.torodepsicanalise.hpg.ig.com.br/Antigona3sara.htm>. 2001. Acesso em 17/07/2003.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Lingüística Geral*. Trad. Bras. Antônio Chelini et al. 19 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.